

Ânforas provenientes de achados marítimos na costa portuguesa¹

A. M. DIAS DIOGO

R E S U M O Estudam-se as ânforas provenientes de achados marítimos na costa portuguesa a Sul das Ilhas Berlengas.

R E S U M É Cet article présent l'état des connaissances sur les trouvailles d'amphores de contextes subaquatiques sur les côtes du Portugal au Sud des Îles Berlengas.

1. Introdução

Pretendemos neste estudo fazer um levantamento das ânforas romanas, inéditas ou já publicadas, encontradas ao largo da costa portuguesa a sul das Ilhas das Berlengas. Trata-se de um conjunto de materiais muito pobre, proveniente de um reduzidíssimo número de sítios e dos acasos da pesca do arrasto, ou de pesquisas muito localizadas. Este panorama reflecte o estado actual da arqueologia subaquática no nosso país no que respeita à época romana.

Não são aqui estudados os achados provenientes de meios fluviais, dado que isso se prende com uma problemática distinta da que agora é apresentada e será objecto de um artigo a publicar proximamente.

O presente trabalho integra-se nos estudos que temos vindo a efectuar, sobre ânforas encontradas no território português. Infelizmente inéditas na sua grande maioria, parece-nos ser premente a sua publicação, de modo a podermos fugir de sínteses apressadas, muitas vezes simples generalizações de estudos sobre o resto da Península.

2. Achados publicados

São em pequeno número as ânforas já publicadas encontradas no mar, a sul das Berlengas. Duas ânforas quase completas: uma de tipo Haltern 70 e outra de tipo Beltrán II A foram recolhidas a uma profundidade próxima das 320 braças, durante a faina de pesca do arrasto efectuada entre Tavira e Cacela, a cerca de cinquenta milhas da costa (Arruda, Frade e Travassos, 1987).

Provenientes da área do Cabo Sardão, a cerca de 300 m. de profundidade, e também recuperadas graças à pesca de arrasto, encontram-se publicadas seis ânforas (Cardoso, 1978): uma Dressel 18/Mañá C2, duas Lusitana 2, duas Lusitana 4 e uma Beltrán I, incorrectamente classificada como sendo do tipo Dressel 24 (Cardoso, 1978, p. 70, n.º 17).

Por fim, a última ânfora foi recuperada também através das redes de arrasto, a cerca de nove milhas para este das Ilhas Berlengas, numa profundidade de 170 braças (Díaz Álvarez, 1984, p. 71-72). É uma ânfora de tipo Haltern 70.

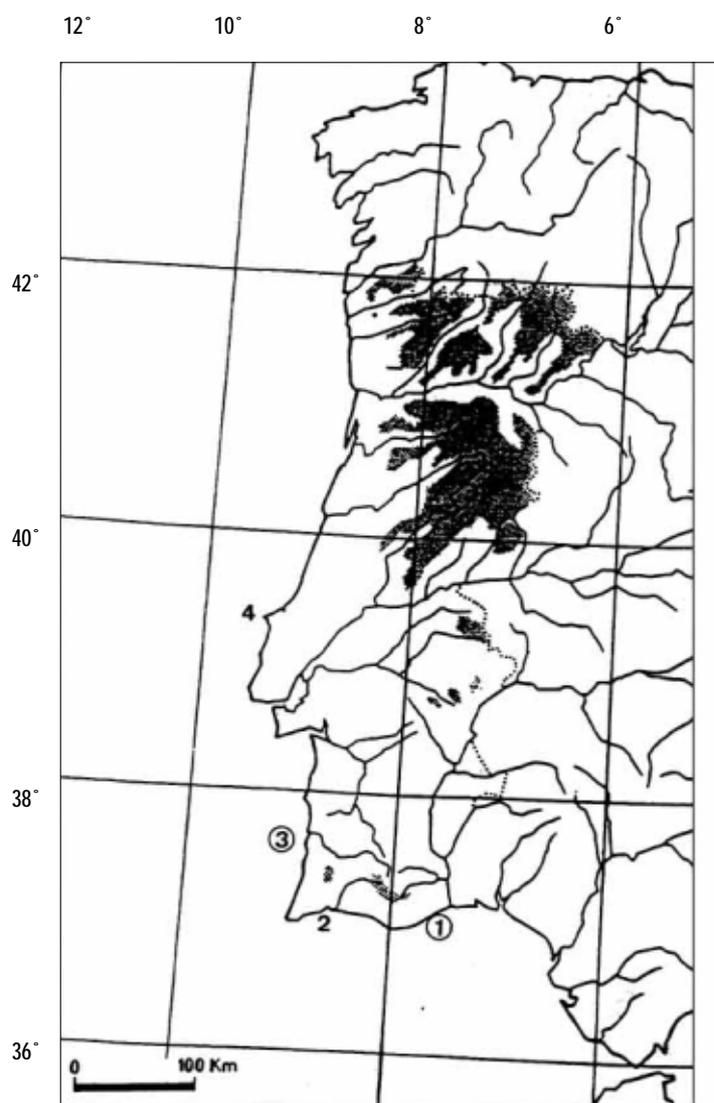


Fig. 1 Mapa de localização genética dos achados das ânforas. 1- Tavira/Cacela; 2- Meia-Praia; 3- Cabo Sardão; 4- Berlengas

3. Achados inéditos

3.1 Meia-Praia, Lagos

Trata-se de um pequeno conjunto de fragmentos superiores de ânforas, correspondendo a cinco exemplares. É proveniente de recolhas efectuadas com escafandro autónomo, por uma equipa do C.E.M.A.L., dirigida pelo Sr. Tolentino de Abeguarria.

Os fragmentos foram recuperados em vários mergulhos efectuados durante o mês de Julho de 1980, em Meia-Praia, Lagos, a cerca de 700/800 m da costa e à profundidade de 24/25 m. O fundo marítimo é constituído por lajes calcárias naturais, rodeadas por areias. Os materiais não apresentam qualquer tipo de associação.

Estão presentes ânforas de fabricos lusitano, bético e norte-africano. No primeiro caso, surgiu-nos um exemplar de Lusitana 8 (n.º 1), uma ânfora piscícola, de grande envergadura e cuja cronologia deve estar compreendida entre os inícios do século III e os do V. Duas ânforas têm origem bética: A primeira (n.º 2) é do tipo Beltrán II B, uma ânfora piscícola datável dos dois primeiros séculos da nossa era. A segunda é uma Haltern 70 (n.º 3), uma ânfora vinária, com grande difusão no território actualmente português, datável dos meados do século I a.C. aos meados do I d.C.

Os dois últimos exemplares são originários da África Bizacena: O fragmento n.º 4 pertence a uma ânfora Key III B, que poderia ter servido para transportar azeite ou preparados de peixe, de cronologia compreendida entre a segunda metade do século II e os inícios do V. Este exemplar conserva uma marca estampada no colo C.A.F., possivelmente os *tria nomina* do fabricante. O n.º 5 integra-se nas ânforas de tipo Key XXV S, uma ânfora piscícola datável dos séculos IV a VI.

Quadro de presenças por origens e tipos

ORIGEM/TIPOS
Lusitânia
L.8
Bética
Ha.70
Be.IIB
África Bizacena
Ke.IIIB
Ke.XXVS

Catálogo

1- (Fig.2) Fragmento de boca, colo e asa de ânfora, tipo Lusitana 8.

Lábio extrovertido, espessado e almendrado, de face exterior moldurada. Asa curta, de fita ovalada, com o arranque superior envolvendo o lábio e o colo.

Pasta alaranjada, com cerne laranja-acinzentado, de textura folheada, arenosa, com quartzos hialinos e leitosos, calcites, pequenos nódulos ocre e abundantes minúsculas micas.

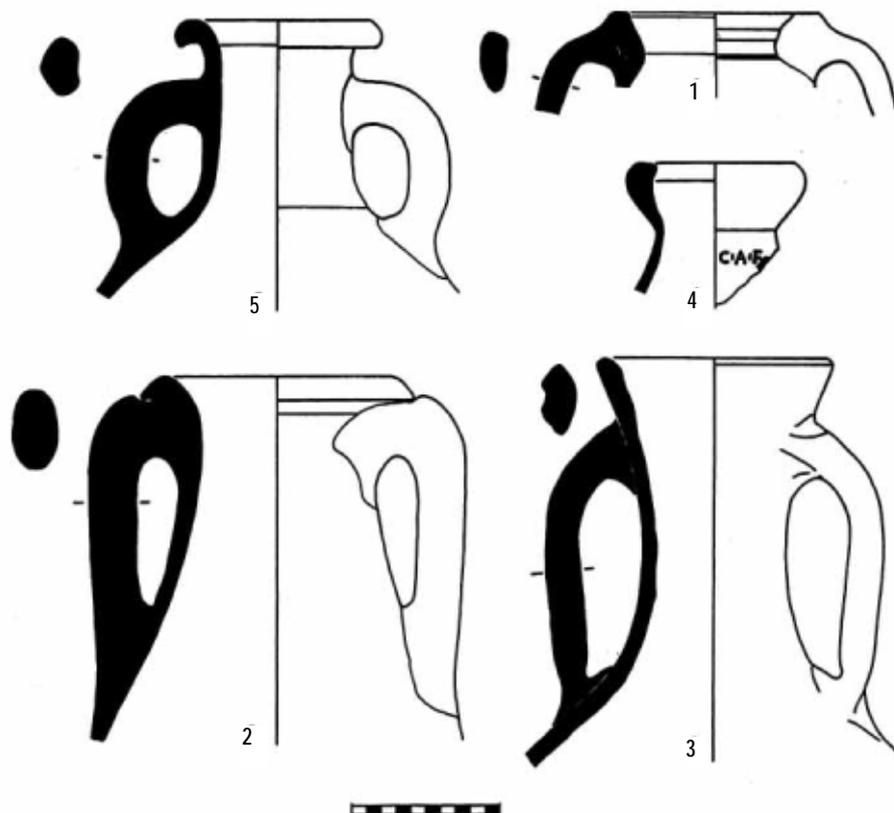


Fig. 2 Ânforas de Meia-Praia, Lagos.

- 2- (Fig.2) Fragmento superior de ânfora, tipo Beltrán II B.
 Lábio em aba ligeiramente pendente. Colo largo e côncavo. Asa ovalada, ascendente.
 Pasta amarelada, com largo cerne bege-rosado, muito branda e fina, com partículas ocreas.
- 3- (Fig.2) Fragmento superior de ânfora, tipo Haltern 70.
 Lábio extrovertido, boleado e espessado internamente, pouco diferenciado do colo. Colo alto e côncavo. Asa de fita, gamiforme, de face superior bilobada.
 Pasta cinzento-rosada, muito dura, com abundantes pequenos quartzos hialinos e leitosos.
- 4- (Fig.2) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Keay III B.
 Lábio alto e convexo, com uma pequena aba triangular na face interna. Colo troncocônico, introvertido.
 Pasta rosa-alaranjada, dura, compacta e fina, com abundantes minúsculos quartzos.
 Apresenta uma marca estampada no colo C.A.F. (28 x 9 mm.).
- 5- (Fig.2) Fragmento superior de ânfora, tipo Keay XXV S.
 Lábio em aba larga e pendente. Colo curto e cilíndrico. Asa curta, semi-circular e de perfil triangular.
 Pasta laranja-amarelada, de textura folheada, branda e fina, com abundantes minúsculos quartzos.

Quadro das dimensões dos atributos								
N ^o	Bordo			Asa		Colo		Alt
	Diã	Alt	Esp	Lar	Esp	Diã	Alt	
1	142	30	19	42	19	-	-	
2	184	31	28	49	28	146	-	
3	160	54	15	48	26	98	170	
4	121	48	24	-	-	-	-5	
143	20	28	39	26	105	108		

3. 2 Cabo Sardão

Este material foi ocasionalmente recuperado nas redes de arrasto, em várias ocasiões e por barcos diferentes, ao largo do Cabo Sardão, a cerca de 300 m. de profundidade e em circunstâncias semelhantes às das ânforas já publicadas provenientes desta zona (Cardoso, 1978). Na altura em que as estudámos encontravam-se depositadas no Museu do Mar, em Cascais.

Para além do material publicado por Guilherme Cardoso, listado no início deste trabalho, foi-nos possível estudar fragmentos referentes a oito ânforas inéditas. O exemplar mais antigo, que aqui já nos surgiu, pertence ao tipo Mañá A 4 (n.º 1), uma ânfora piscícola, fabricada na área ibero-púnica e com uma circulação datável dos séculos V ao I a.C.

Duas ânforas são de origem itálica, sendo ambas vinárias: A n.º 2 pertence ao tipo Lamboglia 2, com cronologia de finais do século II a meados do I a.C. A n.º 3 é uma Dressel 1 B, tendo circulado nos três primeiros quartos do século I a.C.

Três exemplares são béticos: Os n.ºs 4 e 5 são ânforas vinárias de tipo Haltern 70, o n.º 6 é uma ânfora piscícola Beltrán I, dos finais do século I a.C. aos do I d.C.

Os restantes dois exemplares pertencem a ânforas de fabricos lusitanos: O primeiro (n.º 7), a uma Lusitana 4, ânfora piscícola datável dos finais do século II aos inícios do V. A última (n.º 8) é uma Lusitana 6 b, de produção algarvia, também piscícola, com uma cronologia próxima da anterior.

Quadro de ocorrências por origens e tipos	
ORIGEM/TIPOS	
Lusitânia	
	L.2
	L.4
	L.6b
Área ibero-púnica	
	Ma. A4
	Ma. C2
Itália	
	Dr. 1B
	Lam.2
Bética	
	Ha.70
	Be.I

Catálogo

1- (Fig. 3) Fragmento superior de ânfora, tipo Mañá A 4.

Lábio introvertido, em fita e triangular. Bojo piriforme, de ombros salientes. Asas pequenas, semi-circulares, arrancando dos ombros.

Pasta bicolor, castanho-rosada para a superfície externa e acinzentada para a interna, compacta e fina, com pequenas calcites, minúsculos quartzos hialinos e leitosos e abundantes partículas negras. Superfície externa revestida com engobe bege-acastanhado.

2- (Fig. 3) Fragmento superior de ânfora, tipo Lamboglia 2.

Lábio de fita, triangular e saliente. Colo alto e ligeiramente côncavo. Ombros carenados. Asas altas, gamiformes e de secção em fita ovalada.

Pasta rosa-alaranjada, com uma faixa acinzentada junto às superfícies, muito dura, compacta e muito fina, com raros nódulos ocre, abundantes minúsculas partículas negras e minúsculos quartzos hialinos e calcites.

3- (Fig. 4) Fragmento superior de ânfora, tipo Dressel 1 B.

Lábio de fita, alto e saliente. Colo alto e ligeiramente côncavo. Asa de fita ovalada, alta e gamiforme.

Pasta rosada, branda e arenosa, de pequeno grão, com augites muito abundantes.

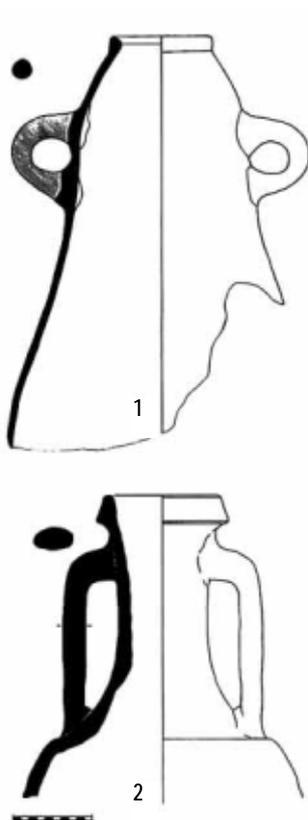


Fig. 3 Ânforas do Cabo Sardão.

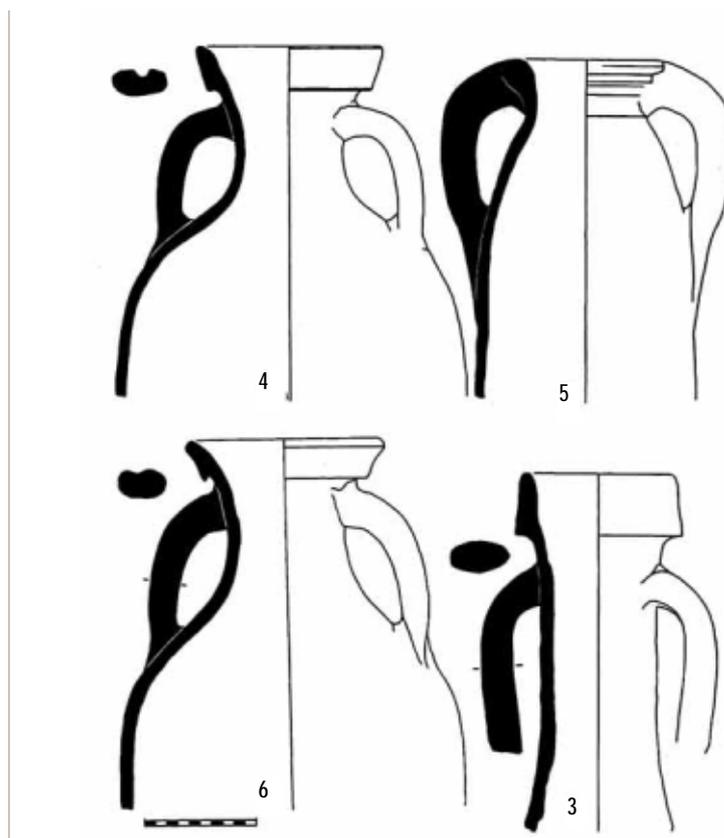


Fig. 4 Ânforas do Cabo Sardão.

4- (Fig. 4) Fragmento superior de ânfora, tipo Haltern 70.

Lábio extrovertido, de fita e saliente. Colo curto e côncavo. Asa curta, arqueada e de fita, bilobada na face superior.

Pasta bege-rosada, com pequeno cerne acinzentado, compacta, muito dura e arenosa, de pequeno grão, com quartzos leitosos e hialinos, calcites e abundantes partículas negras.

5- (Fig. 5) Ânfora a que falta o fundo, de tipo Haltern 70.

Lábio extrovertido, em fita e saliente. Colo alto e côncavo. Asas gamiformes, de fita, bilobadas na face superior. Bojo barrilóide.

Pasta bege-rosada, com pequeno cerne acinzentado, compacta, muito dura e arenosa, de pequeno grão, com quartzos leitosos e hialinos, calcites e abundantes partículas negras.

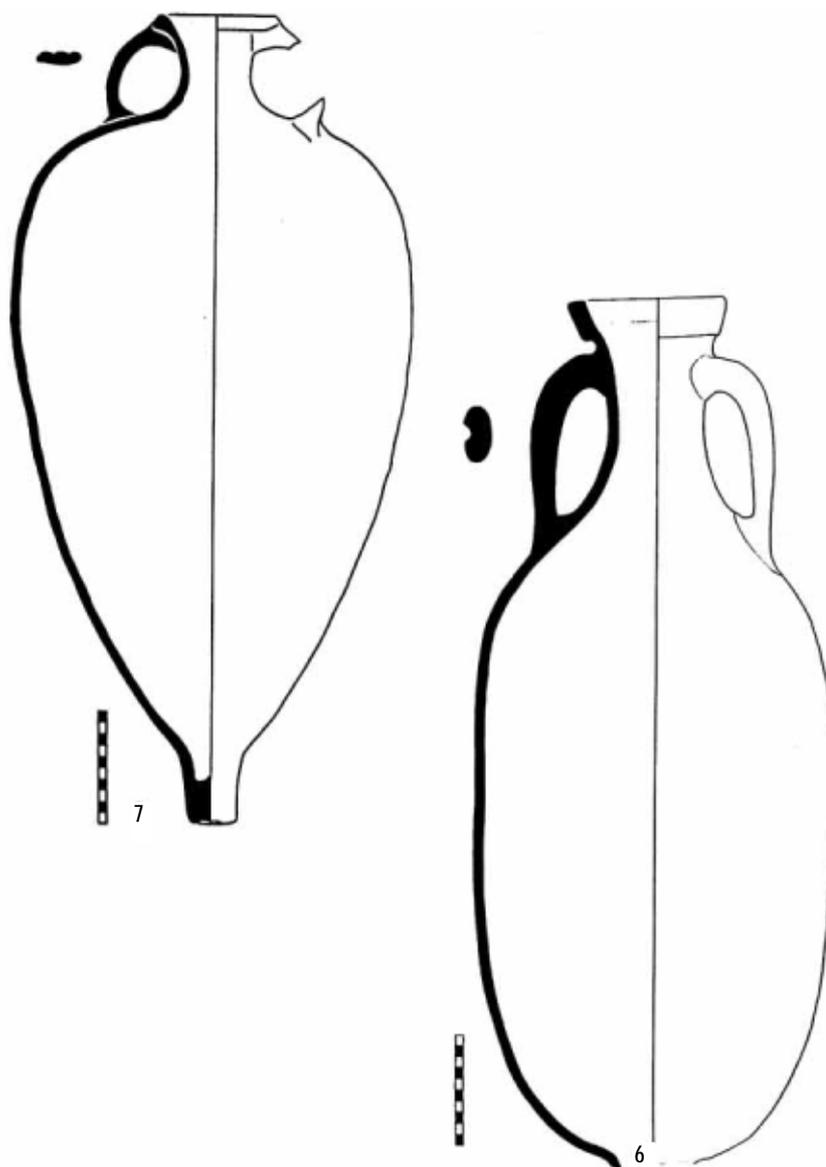


Fig. 5 Ânforas do Cabo Sardão.

6- (Fig. 4) Fragmento superior de ânfora, tipo Beltrán I.

Lábio extrovertido, de fita, côncavo e pendente. Colo largo, curto e côncavo. Asa curtas, arqueadas e de fita, bilobadas na face superior.

Pasta rosada, com uma faixa bege-rosada junto às superfícies, compacta, muito dura e arenosa, de pequeno grão, com calcites, quartzos leitosos e hialinos e abundantes partículas negras. Superfície externa bege.

7- (Fig. 5) Ânfora a que falta uma asa, de tipo Lusitana 4.

Lábio curto, triangular, boleado e muito saliente. Colo curto e côncavo. Asa arqueada, curta, de fita e trilobada na face superior, arrancando do lábio e do terço superior do colo. Bojo troncocônico, de ombros largos. Pé cilíndrico, com a base em anel e espessada internamente.

Pasta rosa-alaranjada, de textura folheada e arenosa, com calcites, quartzos hialinos e leitosos, minúsculas micas e partículas negras.

8- (Fig. 6) Fragmento superior de ânfora, tipo Lusitana 6b.

Lábio saliente, boleado e moldurado. Colo muito curto. Asas arqueadas, ovaladas, arrancando do lábio e do colo.

Pasta rosada, com uma faixa bege-acinzentada junto às superfícies, branda e muito fina, com minúsculos quartzos hialinos e partículas negras. Superfície externa bege-rosada, manchada.

Quadro das dimensões dos atributos										
Nº	Bordo			Asa		Colo		Bojo		Alt
	Diã	Alt	Esp	Lar	Esp	Diã	Alt	Diã	Alt	
1	129	19	17	25	26	130	58	390	-	
2	166	35	27	51	29	112	270	-	-	
3	147	54	24	52	27	102	-	-	-	
4	165	39	19	49	24	94	91	310	-	
5	143	37	18	50	26	87	153	325	615	
6	176	35	19	42	25	103	100	330	-	
8	150	31	25	45	30	106	21	-	-	

Quadro das dimensões dos atributos do exemplar completo ²	
Nº	7
A.T.	727
A.L.	16
E.L.	15
D.L.	113
L.A.	40
E.A.	12
A.C.	65
D.C.	67
D.B.	365
A.F.	65
D.F.	47
E.F.	-

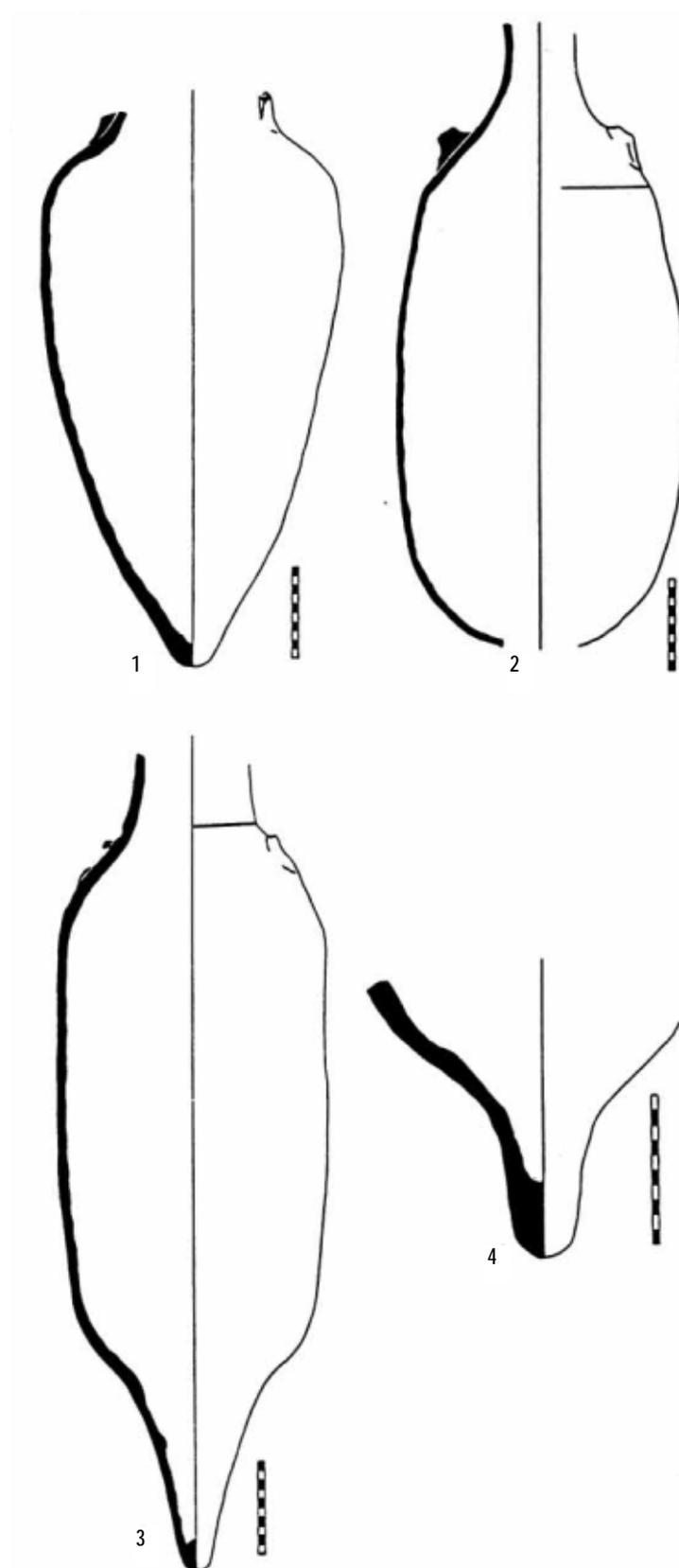


Fig. 6 Ânforas da Berlenga.

3.3 Ilhas Berlengas

Estas ânforas encontram-se dispersas por duas colecções: A primeira (n.ºs 1 a 4), está depositada no Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, tendo sido recuperadas por Ricardo Costa durante os meses de Agosto e Setembro de 1984, em mergulhos com escafandro autónomo, efectuados junto à ilha da Berlenga, a sudeste do Carreiro do Mosteiro e a uma profundidade de cerca de 23 m.

O segundo conjunto (n.ºs 5 a 8) pertence ao Museu Municipal de Peniche. Foi recolhido por L. Veríssimo em 1988, num quadro de salvamento arqueológico promovido por esse Museu, sendo as condições de depósito arqueológico semelhantes às do primeiro conjunto.

Para além do material estudado no *Catálogo*, nas colecções do MNA encontram-se ainda uma asa de Dressel 1 de um exemplar distinto do estudado e um grande fragmento de bojo e fundo de Haltern 70. Ao conjunto do Museu de Peniche pertence também um fragmento inferior de ânfora de tipo Lusitana 4, conservando os arranques inferiores das asas.

No total, os vestígios já encontrados junto às Berlengas pertencem a doze ânforas: Duas Dressel 1 (n.º 1), a típica ânfora vinária itálica datável de c. 130 a.C. a Augusto. Infelizmente não dispomos dos bordos, que nos permitiriam precisar a tipologia e integrar estes exemplares nos subtipos em que a forma se encontra dividida. A única Lusitana 2 até ao momento descoberta (n.º 3), é uma ânfora para envase de produtos piscícolas, com uma cronologia compreendida entre a primeira metade do século I e os finais do século II. Também neste caso estamos impedidos de apertar o espectro cronológico pela ausência do bordo.

O tipo Beltrán II A está representado pelo nosso exemplar n.º 8, trata-se de uma ânfora piscícola, originário da Bética e datável de meados do século I a meados do século II. Também apenas nos surgiu um exemplar de Lusitana 4, uma ânfora piscícola, fabricada entre os finais do século II e os inícios do V. O bico fundeiro n.º 4, com uma pasta norte-africana e vestígios de resina no interior

O tipo Haltern 70 surge-nos aqui como o mais bem representado, com seis exemplares, correspondendo a 50 % das ânforas registadas.

Quadro de ocorrências por origens e tipos

ORIGEM/TIPOS
Lusitânia
L.2
L.4
Itália
Dr.1
Bética
Ha.70
Be.IIA
África Bizacena
Indeterminado

Catálogo

- 1- (Fig. 6) Ânfora, a que falta o colo e a base do fundo, do tipo Dressel 1.
Bojo troncocónico.
Pasta rosa-avermelhada, compacta e arenosa, com abundantes augites e pequenos quartzos.
Superfície interna resinada.
Colecções do MNA, doação F. Reiner.
- 2- (Fig. 6) Ânfora, a que falta a parte superior do colo e o fundo, de tipo Haltern 70.
Colo estreito e ligeiramente côncavo. Bojo barrilóide.
Pasta bege-acinzentada, dura e arenosa, com abundantes calcites, quartzos e partículas negras.
Colecções do MNA, doação F. Reiner.
- 3- (Fig. 6) Ânfora, a que falta a parte superior do colo, de tipo Lusitana 2.
Colo largo. Bojo cilíndrico. Fundo troncocónico, alto e oco.
Pasta alaranjada, branda e arenosa, com quartzos, micas e abundantes nódulos ocreos.
Colecções do MNA, doação F. Reiner.
- 4- (Fig. 6) Fragmento de fundo de ânfora africana, de tipo indeterminado.
Fundo troncocónico e oco, de base convexa.
Pasta laranja-avermelhada, com largo cerne acinzentado, muito dura, compacta e fina, com pequenos quartzos, calcites e raras partículas negras. Superfície externa revestida com engobe rosa-alaranjado.
Conserva vestígios de resina na superfície interna.
Colecções do M.N.A., doação F. Reiner.
- 5- (Fig. 7) Fragmento de boca, colo e arranque superior de asa de ânfora, tipo Haltern 70.
Lábio extrovertido, de fita, convexo, de bordo boleado e saliente.
Pasta rosa-alaranjada, dura e arenosa, com quartzos, calcites e partículas negras.
Colecções do Museu Municipal de Peniche.
- 6- (Fig. 7) Fragmento superior de ânfora, tipo Haltern 70.
Lábio extrovertido, de fita, saliente. Colo alto e côncavo. Asa de fita, gamiforme e bilobada na face superior por um sulco largo e profundo.
Pasta de tonalidades variando entre o acinzentado e o rosa-alaranjado, dura e arenosa, com quartzos, calcites e partículas negras.
Colecções do Museu Municipal de Peniche.
- 7- (Fig. 7) Fragmento superior de ânfora, tipo Haltern 70.
Lábio extrovertido, de fita, saliente. Colo alto e côncavo. Asa de fita ovalada, gamiforme e bilobada na face superior por um sulco profundo.
Pasta bege-acinzentada, dura e arenosa, com quartzos, calcites e partículas negras.
Colecções do Museu Municipal de Peniche.
- 8- (Fig. 7) Fragmento superior de ânfora, tipo Beltrán II A.
Lábio de fita, alto e pendente. Colo alto, largo e cilíndrico. Asa de fita, gamiforme e ascendente, com a face superior polilobada.

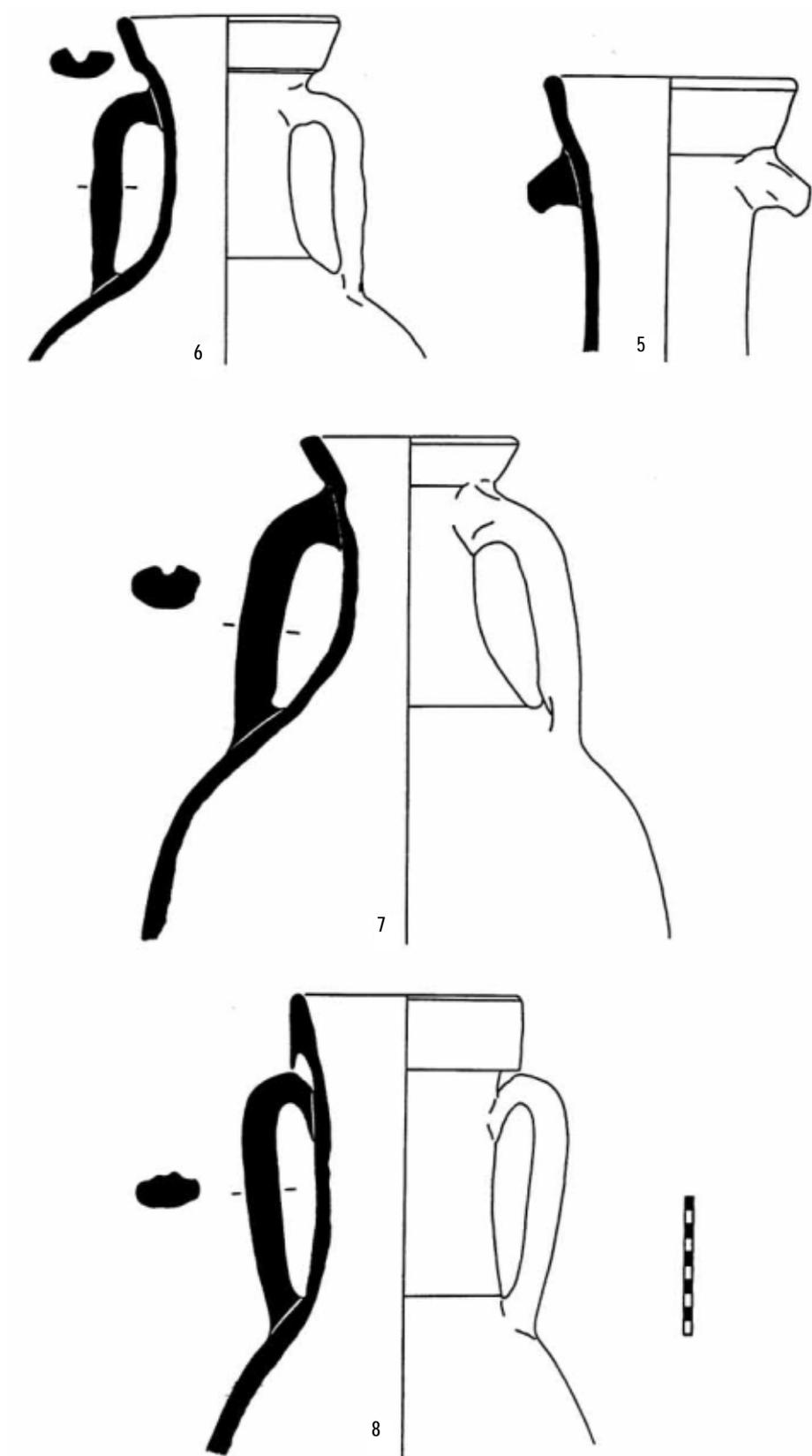


Fig. 7 Ânforas da Berlenga.

Pasta bicolor, acinzentada e com uma faixa rosada junto à superfície externa, muito dura, compacta e de textura folheada, com pequenos quartzos, calcites e inclusões ferruginosas. Coleções do Museu Municipal de Peniche.

Quadro das dimensões dos exemplares fragmentados										
Nº	Lábio			Asa		Colo		Fundo		
	Diâ	Alt	Esp	Lar	Esp	Diâ	Alt	Diâ	Alt	Esp
4	-	-	-	-	-	-	-	38	100	51
5	183	60	15	-	-	120	-	-	-	-
6	160	43	11	46	23	91	136	-	-	-
7	155	40	15	51	33	90	160	-	-	-
8	165	55	20	46	26	128	160	-	-	-

Quadro das dimensões dos exemplares mais completos			
Nº	1	2	3
A.C.	625	700	880
D.C.	-	78	123
D.B.	314	310	290
A.B.	550	615	595
A.F.	-	-	203
D.F.	-	-	28
E.F.	-	-	36

4. Comentário

A principal importância das ânforas encontradas em ambiente marítimo prende-se com o seu contexto e o seu estado de conservação. Frequentemente completas, permitem-nos definir a forma, módulo e a capacidade; conservando muitas vezes os *tituli picti*, dão-nos informações fundamentais sobre origens, conteúdos e processos de comercialização. Por fim, enquanto carga de barcos, permitem-nos aferir cronologias por associação entre vários tipos e variantes de ânforas ou com outros materiais datáveis, assim como rotas de tráfico marítimo, definidos não apenas pela localização dos destroços, mas fundamentalmente pela associação num mesmo carregamento, de cargas de origens distintas.

As ânforas que aqui compilamos, estão muito longe de ter a importância que atrás sumariámos. Trata-se de materiais de associação duvidosa e, no caso dos recuperados através das redes de arrasto, mesmo de localização imprecisa.

Dada a sua relativa sincronia e estado de conservação, as duas ânforas encontradas entre Tavira e Cacela poderiam provir de um naufrágio. Ambas originárias da Bética, os seus espectros cronológicos sobrepõem-se entre o último quarto do século I a.C. e cerca dos meados do século I.

As ânforas recolhidas ao largo de Meia-Praia terão sido arrastadas, muito provavelmente, pelas marés e correntes marítimas. A amplitude cronológica dos achados é muito ampla, estendendo-se entre os meados do século I a.C. e o século VI.

Também de grande amplitude cronológica é o conjunto proveniente da área do Cabo Sardão. Aqui, a quantidade e estado de conservação das ânforas já registadas poderão indicar a existência de vários destroços, em águas profundas e numa zona de navegação difícil.

Por fim, o mar das Berlengas apresenta actualmente o maior conjunto de ânforas conhecido, proveniente do meio marítimo português. No que tem, aliás, um complemento imediato nos achados de cepos de âncora em chumbo, sendo daqui provenientes 18 exemplares, 26,1% dos já referenciados em águas portuguesas e número apenas superado pelos achados da área do Cabo Espichel (Alves et al., 1988-1989, p. 120).

Se estas quantidades são imediatamente justificáveis por nos encontrarmos numa das áreas preferidas no nosso país para o mergulho amador, isso não impede que nos seja colocada a questão de estarmos em presença de vestígios de naufrágios e, embora os espectros cronológicos das ânforas sejam díspares, a quantidade de Haltern 70 poderia ser um indicador para a existência de, pelo menos, um naufrágio datável do período compreendido entre os meados do século I a.C. e os meados do século seguinte. No entanto, o desconhecimento da existência de vestígios de madeiras e a dispersão dos achados parecem antes apontar para uma concorrida zona de abrigo, onde as ânforas vazias seriam atiradas borda fora.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, F. J. S.; REINER, F.; ALMEIDA, M. J. R.; VERÍSSIMO, L. (1988-1989) - Os cepos de âncora em chumbo descobertos em águas portuguesas: contribuição para uma reflexão sobre a navegação ao longo da costa atlântica da Península Ibérica na Antiguidade. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 6/7, p. 109-185.
- ARRUDA, A. M.; FRADE, I.; TRAVASSOS, J. (1987) - Duas ânforas romanas de Cacela (Vila Real de Santo António). *Conimbriga*. Coimbra. 26, p. 125-131.
- CARDOSO, G. (1978) - Ânforas romanas do Museu do Mar (Cascais). *Conimbriga*. Coimbra. 17, p. 63-78.
- DÍAZ ÁLVAREZ, P. (1984) - *Ânforas romanas en el eje atlántico galaico-lusitano*. Vigo: Ed. do Autor.
- DIOGO, A. M. D. (1987) - Quadro tipológico das ânforas de fabrico lusitano. *O Arqueólogo Português*. Série 4, 5, p. 179-191.
- DIOGO, A. M. D. (1994) - As ânforas: contentor vinícola privilegiado da Antiguidade. In *Catálogo da Exposição «Uma Imagem do Vinho»*, Lisboa, p. 14-15.
- DIOGO, A. M. D. (1995) - Elementos sobre ânforas de fabricos lusitanos. In *Estudos de Arte e História. Homenagem a Artur Nobre de Gusmão*. Lisboa: Vega, p. 283-294.
- DIOGO, A. M. D.; ALVES, F. J. S., (1988-1989) Ânforas provenientes do meio fluvial nas imediações de Vila Franca de Xira e de Alcácer do Sal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 6/7, p. 227-240.
- KEAY, S. J. (1984) - *Late Roman amphorae in the Western Mediterranean*. Oxford: B.A.R.

NOTAS

¹ Estudo subsidiado pelo Serviço de Belas Artes da Fundação Calouste Gulbenkian.

² A.T. = Altura total; A.L. = Altura do lábio; E.L. = Espessura do lábio; D.L. =

Diâmetro do lábio; L.A. = Largura da asa; E.A. = Espessura da asa; A.C. = Altura do colo; D.C. = Diâmetro do colo; D.B. = Diâmetro do bojo; A.F. = Altura do fundo; D.F. = Diâmetro do fundo; E.F. = Espessura do fundo.